

MANIA DE LIMPEZA

Pelo cheiro impregnando a rua inteira, todos os vizinhos já percebiam, na distância e no olfato, mais uma preciosidade da culinária baiana que, com certeza, Dona Obesina, a maior cozinheira e dona de casa do bairro, estaria preparando com suas mãos habilidosas, encontrando, sempre, a medida certa de cada tempero dosimetrado. Não eram raras as vezes em que as “comadres” do bairro faziam fila na porta de sua casa, ocupando quase todos os pequenos e humildes espaços de seu reservado, porém acolhedor domicílio, localizado na Rua da Salvação. Suas amigas ficavam todas atentas aos mínimos detalhes de suas receitas, personalizadas pela disposição e coragem de inovar. A cada semana, um prato diferente servia de isca para deixar seus maridos presos ao anzol do matrimônio, pois, como já diziam, “o homem se pega pela boca”. E olha que não foram poucos os relatos de casamentos reatados, todos eles tendo um dedinho, se não um punhado, dos temperos de Dona Obesina na reconciliação dos cônjuges, já que os possíveis ex-maridos podiam até esquecer o sabor do beijo, o gosto do corpo, o encanto dos quadris, o roçar das pernas e braços que um dia se fizeram cúmplices e amantes, mas jamais se esqueceriam dos sabores dos pratos que suas mulheres, aprendizes dedicadas e eficientes da mestre cuca comunitária, dispunham sobre a mesa numa arrumação quase hipnotizante. Sim, a primeira lição dada por ela era essa:

- A fome se rende nos olhos minha filha. Não tem marido que guente viu minha gente. Não tem marido que guente ver uma mesa toda arrumada e coberta com pratos deliciosos e

perfumados. Olha, não esqueçam viu, a gente faz amor na cama, mas é na mesa que a gente deixa ele todo temperado.

E todas se entregavam a risos e confissões, que se não fossem os pudores do meu relato, não me inibiria em contá-los um a um. Mas... essa era apenas uma parte da lição. A outra era ser uma boa dona de casa, e ia além de saber fazer receitas mirabolantes, que deixassem os maridos reféns dos caprichos articulados entre o fogão e as panelas de suas esposas. Uma boa dona de casa, segundo Dona Obesina, tinha por obrigação divina e celestial, preservar a limpeza e a pureza do ambiente familiar, seja em seus espaços físicos, seja no cuidado com a higiene do corpo e da alma de todos que vivem na casa. Mesmo que trabalhe fora, e só chegue ao fim da tarde, ela tem por dever maior conduzir a limpeza de todos.

A verdade é que, cercada de rigores higiênicos, Dona Obesina se via doida do juízo, principalmente quando seus três filhos chegavam do colégio, e, na vontade de se reencontrar, cada qual, com seus demarcados territórios familiares, entravam afoitos e se esqueciam de limpar a sola dos tênis no tapete, sempre limpo, que permanecia como um inquilino fiel e imóvel, na porta de entrada da casa. Ai era aquele auê: - Meninos, quantas vezes tenho que dizer pra vocês limparem os pés?! Olha agora o rastro de sujeira! Num já disse que num gosto de rastros pela casa? (como se fosse possível esconder os rastros de quem vive em uma casa).

Mas sua mania de limpeza vivia em um estado de alerta militar e constante. Durante as refeições, bastava que um dos presentes na mesa deixasse cair o mínimo e microscópico farelo de comida no chão, que seus olhos em patrulhamento convulsivo miravam o autor do crime, quase fuzilando-o. O coitado, por mais saboroso que fosse o prato, tinha que interromper os prazeres súbitos do paladar em curso, inibindo, inclusive, a própria deglutição para, de imediato, catar do chão a quase atômica partícula e levá-la ao lixo do banheiro. Só então, poderia retornar à mesa e dar continuidade a já assustada mastigação.

Sua mania de limpeza era tão totalitária, que a curiosidade de suas crianças às vezes a incomodava muito: - Mãe, como deve ser uma barata? E o rato? Voa? Esses personagens, baratas, ratos e moscas, que de alguma forma sempre contribuíram para pavorosos e histéricos relatos da maioria das donas de casa de todo os lugares, nunca estiveram presentes na casa de Dona Obesina. Nunca, até que um dia... Bem, ela não tinha o hábito de se levantar em meio à madrugada, nem ir até a mesa para fazer um pequeno lanche. No único dia que resolveu fazê-

lo, de cara, sobre a mesa, numa espécie de conferência gastronômica, estavam cerca de quatro ratos, extasiados, degustando os segredos de sua culinária em minúcias. Apavorada e enfurecida, apagou a luz em silêncio absoluto e retornou para a cama, permanecendo com os olhos abertos até o amanhecer do dia, deixando que a farra dos roedores, por enquanto, não fosse interrompida. Ficou pensando, e logo concluiu que os ratos sempre fizeram suas festas noturnas, mas só agora foram descobertos, ao acender das luzes no meio da madrugada. No extremo de suas conclusões, finalizou: - todo esse tempo comemos juntos, no mesmo prato. Pior: será que não éramos nós que comíamos seus restos?

Passou o resto do dia maquinando como pegaria todos de uma só vez. Permaneceu atônita, calada, ofegante durante todo o dia. O marido e os filhos se perguntavam: - Aconteceu alguma coisa grave. O que fizemos de errado?

Foi ao supermercado, juntou um terço de seu salário como diarista, comprou um pato suíço, ervas finas, damasco, pêssego, queijo provolone e gorgonzola, e uma garrafa de vinho rosê. Retornou e foi direto para a cozinha. Numa concentração mediúnica, ia passo a passo preparando os temperos. Quando começou a rechear o pato e refogá-lo no vinho, o cheiro logo trouxe os curiosos vizinhos que queriam a qualquer preço invadir a casa e flagrar mais um segredo. Só não conseguiram invadir e quebrar o cadeado do portão, porque Dona Obesina, usando o peso de seu prestígio e o cajado de sua autoridade, do meio das panelas fez ecoar seu grito definitivo:

- Vão embora cambada de ratazanas, que esse segredo não deixarei ninguém roubar. Sumam daqui ou vão receber uma panela de água quente nessas caras deslavadas.

Bastou o primeiro grito, e logo todas as vizinhas se retiraram. Para a família que estava dentro de casa foi logo avisando:

- Hoje não tem almoço e nem jantar pra ninguém! Quem quiser merende alguma coisa ou dê no pé daqui de casa que hoje estou danada.

Obedientes como sempre, se contentaram com o resto de pão que os ratos tinham deixado, e as poucas frutas que restavam na fruteira. Mais tarde, quando todos já tinham ido dormir, ela se ocupou com o ato final. Arrumou a mesa como para um banquete, dispôs o pato dourado numa bandeja contornada de pêssegos, pôs alguns cravos na simetria das asas da ave inadiável, foi ao quarto do fundo, pegou o chumbinho que tinha por precaução guardado há

anos, e recheou todo o pato com o veneno metálico, numa dose letal e gastronômica. Acertou os últimos detalhes. A estética do prato estava perfeita: fome e veneno se procurando. Apagou a luz de toda casa e foi para a sala, onde cochilou no sofá. Minutos depois, seu sono leve e expectante a despertou; dirigiu-se à cozinha. Quando acendeu a luz, do pato só restavam os ossos e os ratinhos, todos quatro, gordinhos de tanto pato e chumbo que comeram; estavam fatalmente endurecidos sobre a mesa. Com seu sorriso vitorioso e lacrimejante, Dona Obesina aproximou-se, salivante e possessiva, e em movimentos compulsivos, em pleno frenesi, numa mistura de ódio e glória, foi comendo e mastigando, cada um deles, distinguindo o que havia de pato, de chumbo, de rato e de humano em cada mordida apreciada. Saciada e triunfante, sentenciou: - Todo rato deve ser condenado à morte no leito de sua fome insone!

Quando acordaram, filhos e marido encontraram Dona Obesina inchada e morta sobre a mesa, com um sorriso invicto, sem ratos, sem pêssegos ou pato. E a cozinha, impecavelmente limpa!

O SILÊNCIO DO POETA

I

O POETA

Eram quase quatro horas da tarde e naqueles instantes cercados de calor e sede, Ovídio já se apressava em finalizar as tarefas que lhe restavam na escola, após seis horas desgastantes de aula, numa sala onde o desinteresse dos alunos pela literatura se tornava mais que evidente entre os bocejos e olhares vagos de toda turma. Em tempos como este, em que o texto literário vem progressivamente perdendo espaço para inúmeras atividades de entretenimento, que futilizam as horas e aliciam a juventude, utilizando diversos instrumentos sedutores de olhos e ouvidos ainda imaturos, o professor de Literatura do Colégio Renascimento, melhor dizendo, Prof^o Ovídio, lutava como Aquiles contra todo esse fetiche da tecnocracia para conseguir formar cidadãos mais sensíveis e conscientes através do hábito da leitura. Talvez a maior arma de intervenção do indivíduo no mundo seja justamente sua capacidade de reconstruí-lo pela palavra, pela leitura, pois conhecer pressupõe toda e qualquer forma de intervenção.

Enfim eram quatro horas da tarde de uma sexta-feira sagrada! Última sexta-feira do mês e, como havia combinado há cinco anos com seus colegas da faculdade de letras, era o dia do Sarau da Liberdade, no pôr do sol aos pés da estatua do poeta Castro Alves, de frente

para o mar da Baía de Todos os Santos, o que justificava toda sua pressa e agonia em chegar a tempo. Saiu correndo do colégio, e após quinze sofridos minutos já estava com seus colegas (todos tomados pela euforia do vinho, da poesia e da liberdade) e dezenas de admiradores dos versos recitados em plena praça.

Ovídio era considerado o mais entusiasmado entre os demais amigos poetas. Na verdade, começara a escrever aos quinze anos e desde então se entregava à ousada tarefa de lapidar a palavra com os punhos do sol e os batons da lua. Ele via na poesia um importante instrumento de transformação e sensibilização social. Era sua arma existencial nas conflitantes batalhas da vida e da morte, que em silêncio confesso e confiscado, travava dentro de si desde a adolescência. Seus poemas, declamados com tamanha veemência, contagiavam a todos, que logo se punham a decifrar o encanto de seus versos memoráveis, seus silêncios espremidos e seus cortes dilatados e profundos, com sorrisos e lágrimas misturados nos semblantes atônitos, numa atmosfera de incompreensão e fascínio. Foi em uma dessas tardes inusitadas que conheceu Sofia, a menina que sorria no meio da multidão e dos versos diante do poeta absoluto.

II

O SILÊNCIO

Depois daquela tarde, os dias de Ovídio não foram mais os mesmos. Até ali, nem mesmo a poesia tinha feito com ele o que Sofia conseguira: desarmou seus olhares e seus punhos! Estava completamente apaixonado por ela, indefeso como todo amante e, mais que nunca, delirando como todo poeta. Desde então, foram luas e vinhos consumidos sobre a pele de Sofia, despida entre os dedos da poesia, que sempre teve a proeza de revelar a nudez de quem a toca e de quem a cria.

Tudo estava indo muito bem. Mas Sofia era muda e surda desde os dez anos de idade e isso passou a intrigá-lo, porque tinha a inevitável sensação de que só era compreendido na plenitude do silêncio e não da palavra. Como saber o que ela sentia, se não

através do silêncio dos olhos, de onde a alma gritava por sons indecifráveis? Passou a se incomodar com a ausência da palavra pronunciada pela mulher amada. Ele, professor de literatura, que tinha a palavra como instrumento de trabalho e de inserção no mundo... Agora, a questão que mais o atormentava era justamente saber, do amor que se revelava, o que era mais importante: a impossibilidade da palavra que vem após o silêncio absoluto (o amor), ou esse silêncio que vem após tantas palavras impossíveis? (a redenção).

III

O AMOR

Foram meses de convivência pacífica. Ovídio, porém, agonizava entre suas dúvidas: como ela poderá ver o tamanho do meu amor se não consegue compreender a dimensão de minhas palavras? Incrível como, na rotina diária, tinha se esquecido de que o corpo também se comunica por outros caminhos. A linguagem corporal consegue estabelecer a intersubjetividade, seja pelo olhar, pelas mãos, pelo sorriso, pelo corpo como um todo, porque o corpo sempre será o sujeito da fala mesmo quando se torna o objeto do silêncio.

Mas ele tinha totalizado a palavra recitada e acabou deixando o corpo na margem de sua existência. Por isso, numa inevitável noite de lua cheia, resolveu colocar um ponto final diante do silêncio e da palavra. Convidou a namorada para jantar em seu apartamento banhado de lua e velas e sentaram-se na mesa coberta de flores, vinhos e desejos. Após quase uma hora de olhares e carícias embriagadas, Ovídio, decidido e determinado, levantou-se, foi à cozinha e ferveu um copo com água. Retornou para a mesa, tomado pela certeza de que este amor só poderia ser pleno no silêncio absoluto de ambos. Olhou para a amada e engolindo subitamente a água fervida, intencionalmente provocou um movimento respiratório brusco para que a água, ainda em ebulição, fugisse de seu trajeto fisiológico esperado e ao invés de seguir pelo esôfago, banhasse por inteiro suas cordas vocais, queimando-as totalmente, certo de que ficaria emudecido para sempre. A partir desse instante, com um orgasmo afônico a sair

pela boca num uivo de dor e prazer, mais calados que nunca, passaram a se compreender na poesia absoluta de seus silêncios definitivos.

VIRGULINO

Seu espaço já era muito bem delimitado. Ele chegava urinando pelos cantos da mesa, já dizendo desde o princípio: “por aqui só eu fico”. Mas Virgulino, um vira-lata dócil e inofensivo, cresceu no bairro Maria Bonita como uma espécie de personagem comunitário, cujos latidos, muito menos que uma ameaça, quando surgiam, anunciavam a chegada de algum desconhecido ou de alguém que representasse, por trás de seus olhares ensimesmados, um certo perigo à segurança de seus conterrâneos.

Ele vivia como um cigano, nômade entre as ruas do bairro, peregrinando dia e noite, como a conferir a presença de seus vizinhos comuns, que sempre o agradavam com restos de comida e sobras de ossos do açougue. Seus latidos faziam parte do tranquilo conviver diário de todos. Entre suas pulgas e carrapatos, não era raro receber mãos que o acariciavam com uma zelosa atenção.

As crianças brincavam com ele como se fosse um cachorro de estimação, mas, atento como era, quando percebia que já estava sendo vítima dos abusos pueris da criançada, saía disparado, com a língua para fora, vitorioso em sua fuga e em suas artimanhas caninas. Seus méritos eram relatados por todos. Diziam que não havia ladrão no bairro justamente por sua intimidadora presença. Os bandidos conheciam de longe os cachorros espertos e traiçoeiros. Mas, verdade seja dita, nosso querido Virgulino pouco se envolvia em outras disputas com os demais vira-latas do bairro. Seu caminhar com o rabo entre as pernas apontavam muito mais a solidão de um cachorro que a covardia de um guerreiro. Talvez fosse justamente essa convivência pacífica e respeitosa com todos que lhe garantia um lugar acolhedor no coração daqueles moradores que o tratavam, como já dito, como um membro desgarrado do rebanho

familiar, mas que tinha todas as ruas do bairro como uma espécie de canil a céu aberto, onde se tornava rei absoluto de suas malandragens e peripécias.

Contudo, havia um cantinho comunitário, ali, embaixo da mesa do bar de seu Zé Bodega, situada do lado de fora do estabelecimento, que ficava à espera do dócil proprietário peludo, onde ele descansava suas patas serenas. Às vezes permanecia ali parado, com o olhar vago, porém preciso quando necessário, olhando todos que por ele passavam com um mirar de olhos quase filosóficos, percorrendo as verdades mais íntimas que os transeuntes traziam grudadas nas solas de seus calçados e nos cheiros imbricados pela roupa, sempre confiscados com seu faro de detetive analista. Por trás de cada aroma percebido em suas rebuscantes farejadas, ele fazia um movimento mais brusco ou um rosnar mais íntimo como se dissesse ao proprietário dos cheiros e dos pés para consertar o que havia de errado em seu caminhar, o que estava por trás e diante dele. O engraçado é que a vizinhança inteira parecia reconhecer os códigos oferecidos como se fossem verdadeiros conselhos caninos. É que esse conviver de quase dez anos, já tinha criado uma intimidade quase xifófaga entre aquele cão e aquele povo. Eram donas de casa, diaristas, professores, motoristas de táxi. Todos o cumprimentavam: pedreiros, carpinteiros ou lavradores, todos atores de um viver comunitário que se emendava com os atalhos do cachorro adotado coletivamente. Quando o encontravam embaixo da sua mesa soberana, os que passavam logo o saudavam, cada qual a seu modo, alguns até lhe confessando seus pequenos problemas, à procura de uma solução canina para seus viveres humanos. Diziam: - Bom dia Virgulino! Passe hoje lá em casa, que tem um osso pra você. Outros, mais íntimos, diziam: é Virgulino, hoje estou feliz! Era assim que, entre um rosnar e outro, ele salivava entre seus segredos.

Certo dia, quando estava sentado em seu trono sob a mesa do bar, chegou um estranho. Sem lhe pedir licença, sentou-se e foi logo pedindo ao Zé Bodega:

- Ô da barba, me traga uma cerveja bem gelada.

Seu Zé Bodega, já percebendo os leves rosnares e latidos ensaiados por Virgulino, incomodado com a presença do estranho sentado à sua mesa, foi logo se adiantando:

- Meu senhor, não quer sentar nessa outra mesa aqui dentro não? É até melhor pro senhor, porque essa mesa já tem dono, é desse cachorro, Virgulino, um dos mais antigos e queridos moradores das ruas de nosso bairro.

Sem pensar duas vezes, o estranho, tomado por uma fúria inexplicável, disse:

- Onde já se viu um cachorro ter mais privilégio que um cliente no atendimento. Eu quero ficar sentado é aqui mesmo e pronto.

Mirou bem no traseiro de Virgulino e num ato desonesto e agressivo, chutou-o com todo descaso. O pobre cachorro saiu rolando no meio do chão, da mesa, das cadeiras e de seus assustados grunhidos, sendo amparado pelo poste que se encontrava perto, impedindo que fosse parar no meio da rua no instante em que um carro passava a toda velocidade. Virgulino se reergueu e ainda meio tonto, arquitetando seu golpe entre as patas agredidas, veio correndo e num só pulo grudou no pescoço do estranho, balançando a cabeça de um lado para o outro, como se fosse um leão enfurecido, certo que só largaria a vítima de suas presas após a morte confirmada pelo esmorecimento do corpo, que aos poucos foi se entregando à morte. Zé Bodega e outros vizinhos logo se aproximaram quando viram que Virgulino estava mais calmo e distante do defunto. Pegaram o corpo do atrevido invasor e, em silêncio, enterraram-no embaixo da mesa onde o cão fiel e amigo havia escolhido como trono. Após terem ocultado o cadáver, Zé Bodega recolocou a mesa no lugar e Virgulino, vitorioso e aplaudido, sentou-se sereno sob sua mesa definitiva. O bairro inteiro ficou sabendo do ocorrido e todos, cúmplices que eram do adorável cachorro, logo souberam, mais que nunca, como zelar por seus segredos guardados acima e abaixo de suas mesas.

O LIXÃO

I

O primeiro a chegar ao aterro sanitário foi Fuleiro, com seus três cachorros: Piaba, Chulé e Faisca. Não trazia nada consigo, a não ser, seus restos e seus companheiros caninos. Eram reféns de uma sobrevivência delimitada pelas sobras e pelos excrementos de uma sociedade consumista, depositados naquele espaço onde a fome de seus moradores se encarregava de reciclar todos os dejetos, todas as comidas chegadas ali, vencidas pelo tempo, como os próprios homens que ali viviam sem prazo de validade, invalidados pelo descaso de uma sociedade que se encarrega em se cobrir de valores imperialistas e excludentes. Depois, foram se agregando Dodô, Chuvisco, Ferrugem e outros tantos anônimos, antônimos e indigentes, que já não tinham mais lugar nos espaços burocráticos da nossa sociedade burguesa, num estilo de vida onde a identidade de cada um se compunha no lixo, entre moscas e larvas.

O aterro era a casa de todos esses personagens que fantasiavam suas liberdades entre as asas dos urubus, as patas dos camundongos e o metano exalado e inalado por pulmões asfixiados pela pobreza e pela miséria. Quando viam os caminhões de lixo chegando, era aquele alvoroço e aquela disputa entre todos eles, homens, urubus, cachorros e ratos. Cada um

à procura de seus retalhos sociais, vindos e destinados entre sacos fétidos, com uma putrefação já desenhada na aparência. Incrível eram as coisas que saíam à procura. Não buscavam apenas restos e sobras de comidas apodrecidas, mas, de alguma forma, sobras referenciais que os recompusessem novamente como sujeitos. Mais do que reciclar o lixo pela fome propriamente dita, eles se reciclavam como homens no meio da exclusão que os condenava. Procuravam roupas, cuecas, camisas, espelhos onde pudessem se ver e se tornarem visíveis, pois precisavam se certificar, em seus reflexos distorcidos e cariados, que ainda existiam e resistiam a tudo. No lixo encontravam sempre o que precisavam: travesseiros inutilizados, cachaça para se anestesiarem. Parecia que os remetentes sabiam das dolorosas necessidades de seus receptores. No Natal vinha sobra de panetone, na páscoa sobras de chocolate, no carnaval confetes e serpentinas entre máscaras que eles todos, em frenesi alucinante, pegavam e de repente conseguiam montar suas próprias fantasias: de reis, rainhas, dançarinos, costurando seus delírios com suas vontades de se manterem dentro desse mundo, e se não dizendo para ele que ainda existiam, pelo menos dizendo entre eles mesmos, por trás de suas máscaras banguelas e precárias, que de fato existiam entre si, no meio de uma valentia carnavalesca e impiedosa.

Por trás de cada um deles, havia uma história de dor, de fragmentação e recomposição do resto de humanidade que traziam e exerciam. Eram mutilados pela solidão de seus sonhos violentados por diversas fomes, supridas na indigência de seus desejos e na negligência dos seus segredos. Do que cada um deles se fazia no seu dia a dia? Entre si, havia espaço para promessas, para projetos? Viviam juntando seus papéis ainda sociais e rasgados. O que sabiam de cada um era o mínimo, porém o máximo necessário para se manterem juntos, solidarizando suas dores e alegrias silenciadas no meio da chuva forte ou do sol escaldante. Sobreviviam do se desproteger diário... Mas quando estavam juntos, os quatro, Fuleiro, Dodô, Chuvisco e Ferrugem, iam para uma enorme mesa de madeira que tinham recebido no meio de um desses costumeiros despejos trazidos pelos caminhões. A mesa ficava bem no centro do aterro. Era como um altar onde o lixo era celebrado e o casamento firmado entre suas fomes e suas solidões; tornavam-se indivorciável diante de Deus e do Diabo. Quando iam para lá, era porque tinham uma fatura de restos para dividirem entre si. Sentavam-se nela alegres e tortuosos, parecendo até que cada um deles era parte da madeira que compunha a mesa. De longe, pareciam cadeiras vazias, acentos vitalícios e abandonados no ventre do lixão. A mesa era onde o corpo de cada um deles se reciclava e se remendava com os restos e sobras. Era o ponto de recomposição e reciclagem de si mesmos. Depois que saíam dela, cada qual

retomando seu posto, retornavam com suas inutilidades ásperas, cobertores que os protegiam de suas sedes e de seus silêncios mutilados. Tudo se revirava a todo momento no meio do lixão. Todos se reviravam a todo o instante nas vísceras do apodrecimento diário de cada um. Mas a mesa permanecia ali, íntegra e à espera do retorno de seus súditos exilados.

II

Ruminando entre os insetos e a lama que se formava no meio da chuva, os habitantes do aterro pareciam Zumbis, seres que a todo momento pareciam ter um dos pés do lado dos vivos e o outro do lado dos mortos. Nesse meio, só existia espaço para uma fé que os ligava a Deus, não por uma condição de crença, mas de subsistência principalmente. Verdade é que, se a riqueza nos deixa cegos, e os excrementos do nosso consumismo exacerbado são a prova cabal disto, indivíduos marginalizados pela miséria do consumo também se tornam cegos, na medida em que deixam de se ver como homens e passam a se ver como dejetos sociais ambulantes, descarregados sobre seus esqueletos desnutridos, digerindo o lixo no caldeirão da fome torturante. Prova disso foi no dia em que Ferrugem morreu. Fuleiro chamou os demais, e fizeram o enterro ali mesmo, em um dos cantos do imenso aterro. O lixão também era o cemitério dos que ali viviam no seu conforto indigesto. Passaram-se algumas semanas, e após terem velado o corpo do falecido amigo, a amnésia da fome tinha encarregado de enterrá-lo de vez na memória dos outros sobreviventes. Ali no lixão esqueciam facilmente das coisas da vida e da morte, pois o próprio esquecimento era um importante instrumento do processo de reciclagem. Às vezes era preciso esquecerem-se enquanto homens, feitos de carne e ossos. Só assim conseguiam suportar aquele existir conturbado, em deterioração irreversível. Após duas semanas, no habitual revirar e remover constante do aterro em todos os seus cantos, Fuleiro se reencontrou com o corpo desfigurado e putrefeito de Ferrugem, em estado avançado de apodrecimento, no anonimato de sua decomposição invicta. Com a mente anestesiada pela amnésia da fome, pensou que fossem restos de um bode. Chamou Chuvisco e Dodô, levaram o cadáver para a mesa, e ali mesmo o repartiram e fizeram um ensopado com as cenouras

podres encontradas no dia anterior. Sentaram-se à mesa e após alguns minutos de sóbria degustação, com a fome suprida, lembraram-se do outro que havia morrido, virado lixo, e tinham acabado de comer, sepultando-o definitivamente em seus intestinos:

- É! Se Ferrugem tivesse aqui ia adorar esse ensopado de bode. Tá bom demais rapá!

Chuvisco, sorrindo entre as nuvens, complementou:

- Oxe Fuleiro, e num é que tudo que a gente põe em cima dessa mesa fica mais gostoso. Parece que ela faz a gente ver melhor o gosto das coisas.

Depois da refeição, levantaram-se abastecidos, porém famintos, cegos.

DE CARTAS SOBRE A MESA

Quando começou a jogar cartas tinha cerca de quinze anos. Não fosse a tradição e a herança da família, diriam os beatos que se tratava de parte com o cão essa coisa de querer ter mais olho que Deus: - Onde já se viu um despropósito desses! Querer enxergar o futuro antes mesmo de se conseguir decifrar o presente!

Mas entre aqueles vizinhos estranhos e esquisitos, tanto pela forma como se vestiam como pelo modo de se relacionarem com o tempo, o mais importante não era o estar aqui no hoje, mas onde se poderia estar no amanhã.

O resto da vizinhança se incomodava muito com a presença daquele bando de ciganos acampados há anos no terreno baldio do bairro. Representavam uma ameaça moral aos costumes enraizados dos antigos moradores, que se defendiam com as portas de suas casas sempre fechadas e, por que não dizer, de seus sorrisos também, já que desde a chegada dos invasores, as emoções eram contidas em todas as suas formas, para não permitir que a alegria, sempre inclusiva, trouxesse para a proximidade dos lares o que deveria permanecer na distância dos muros da face. Mas óbvio que a curiosidade aguçada pelo preconceito ia aos poucos se encarregando de estreitar as distâncias erguidas no tempo, e a menina, na flor de sua adolescência, começara a despertar os interesses afetivos dos jovens moradores de rala barba, com os rostos demarcados pelas espinhas da juventude. Safira era seu precioso nome.

Andava como as demais de sua casta, com vestidos multicoloridos, enormes, quase varrendo o chão e os olhares inquietos dos meninos. O cabelo comprido estava sempre solto e seu balançar parecia o movimento de um maestro orquestrando o vento no vazio das rugas da cidade envelhecida pelo tempo e pelo descaso dos prefeitos que a governaram.

Doía no coração dos rapazes terem que conter seus pudores, pois temiam se envolver com “essa gente” sempre suspeita. Assim, com olhares desconfiados, todos a cercavam, pois a fama da fúria de suas brigas e da falta de honestidade no cumprimento dos acordos, mantinham todos a uma distância segura, que os pretessem de um perigoso envolvimento com essas pessoas que, normalmente, não se envolviam com o presente. Só que Safira roubava a cena! Ninguém a cumprimentava, nem com sorrisos, muito menos com palavras, já que a melhor forma de se proteger de uma tentação é calando o desejo logo no início do fuxico entre a solidão e a carência. No entanto, a fama de seus dons com as cartas logo se tornou conhecida por todos. Eram donas de casa querendo saber das possíveis traições de seus maridos, mães preocupadas com o infortúnio de seus filhos, namoradas desesperadas querendo saber sobre o destino de seus namoros, de modo que o que antes poderíamos chamar de preconceito, acabou se transformando em admiração. E, em pouco tempo, uma legião de fãs de todas as idades queria procurar os serviços da cigantina, que espalhava as cartas sobre a mesa, tornando visível os caminhos de cada cliente, traçando roteiros usando, sem querer, o próprio desespero de sua clientela como fio condutor da cegueira de cada um. Na verdade, todos que se sentavam à sua mesa já sabiam das respostas que procuravam: precisavam apenas da confirmação de alguém legitimado pelo desconhecido, pelo inanimado. Era como se cada carta daquela fosse um selo que carimbava de vez a carta das incertezas remetidas pelo acaso, cujo destinatário teimava em receber sem que antes passasse por aquele ritual mágico e transcendente.

No entanto, para Safira isso pouco importava. Ela apenas dava voz ao que se calava diante das cartas. Estas por si só se revelavam, assim rezava a tradição cigana e a questão não era o que as cartas faziam com o futuro, mas o que o presente fazia daquelas cartas. Safira se deliciava com tudo aquilo. Com sua bola de cristal ao centro da mesa e as cartas espalhadas sobre ela, tornou-se uma espécie de oráculo. Antes de seguirem seus caminhos ou antes deles surgirem para seus andarilhos, de alguma forma eles eram traçados ali sobre a mesa, entre as cartas da jovem iluminada e os atalhos de uma vida cigana.

Não demorou muito e Inácio, um pretensioso jovem de dezessete anos, intrigado com toda aquela magia oracular, foi-se aproximando pelas beiradas. Foi aos poucos abandonando o malabarismo da fome nos semáforos da vida, onde tentava conseguir algumas gorjetas para ajudar a pobre mãe nas despesas da casa, deixando seu parceiro sozinho, para devagarzinho ir tomando jeito sobre a corda bamba da timidez, ganhando coragem para enfrentar no trapézio do acaso a ironia do destino. Safira já tinha percebido que esta aproximação se daria mesmo antes do primeiro bom dia que ele, mais ruborizado que suas intenções, ousou lhe dar com a sua franzina insegurança juvenil. O bom dia foi aceito e nos endereços do olhar cigano da preciosa menina parecia que aquele simples bom dia tinha vindo para sinalizar todos os percursos de suas previsões. No entanto, a partir daquele momento, pela primeira vez em sua vida, viu-se perdida. O bom dia ruborizado de Inácio a deixou para sempre ali mesmo, diante dele, e desde então seus caminhos sempre apontavam em suas direções. Começaram um namoro tímido. Parecia que na mesa do coração de Safira e Inácio as cartas da felicidade tinham se colocado de forma a reorganizar seus destinos distintos e vazios. Lá no tabuleiro das incertezas, onde ela, antes convicta, dispunha seus dizeres sobre o futuro, já não conseguia mais ler nada. Parecia que o amor, ao se apossar de todos os assentos de seu coração cigano, tinha lhe roubado o direito de dizer aos outros onde se colocar em suas vidas sem que ela antes soubesse o que fazer de seu próprio presente.

Verdade seja dita, o jovem rapaz soube como chegar ao inatingível coração cigano com um simples BOM DIA. Um desejo que não vinha das cartas, mas que vinha do baralho de seu peito, com tanta verdade disposta a invalidar qualquer coisa dita sobre o tabuleiro que não fosse diretamente pronunciada pelas espadas do amor e seus inadiáveis coringas, únicos que tinham as chaves de todas as celas da tristeza e da solidão, agora abertas para gozarem de uma serena felicidade, derradeira sentença de quem se liberta. No início, os vizinhos se revoltaram com a pequena tenda das adivinhações desmontada pelo chaveiro do amor. Mas dali por diante, se quisessem segui-los, apenas as cartas da paixão cigana atiradas sobre o tarô dos olhos iriam sugerir, na encruzilhada do presente, onde estava a emboscada da felicidade. Formaram um casal feliz e a desconfiança com os ciganos deixou de existir, como também deixou de existir o persistente medo comunitário pelo presente. Enfim, resolveram ser ousados com o futuro e cada um daqueles vizinhos passaram a compor suas próprias cartas no dia a dia, teimando em existir mesmo quando o destino já havia desistido de si mesmo, ao desferrar nas mesas da retina as toalhas da existência.

O RITUAL

I

Seu olhar, seu sorriso, seu andar, seu perfume, sua alma, tudo, seduziam fatalmente os homens que cruzavam as ruas de Feira de Santana com aquela morena de olhar bronzeado, longos e encaracolados cabelos soltos sobre seus um metro e setenta centímetros de pura feminilidade. A plenitude de sua beleza fazia parte dos delírios mais insinuantes e ousados de seus conterrâneos feirenses, que a passos curtos e breves, insistiam em catar nas narinas o que sobrava de seus refinados aromas suspensos no ar, após a sua apaixonante passagem.

Ainda na adolescência, já deixava centenas de jovens desnorteados, e sua lista de fãs crescia a cada estação. Não foram poucos os colegas que perderam de ano tomados pela paixão aguda, que os imobilizava por inteiro, desde a ponta dos pés ao exílio dos dedos. Todo seu mistério se tornava nítido, principalmente pela forma carinhosa, atenciosa e inteligente com que tratava tudo e todos. Para muitos, era uma menina precoce na beleza e ousada nas atitudes.

Aos vinte e cinco anos formou-se em medicina. Que médica linda! Apesar da pouca idade, seu sucesso já era enorme e incontestável no trabalho; entre os colegas, sempre ofegantes, e os pacientes, que mesmo com suas dores agudas, ao tê-la à frente, desarmavam-se em risos. Seus méritos já eram reconhecidos por todos, com muita admiração e respeito.

Sortudo mesmo foi o André, que depois de cinco anos de um arrastado e estável namoro, não querendo mais correr o risco de perder sua amada diante do cerco, cada vez mais fechado, feito por tantos admiradores declarados, resolveu casar-se.

O casamento foi lindo e a cerimônia ocorreu na Igreja Santo Antônio, uma das mais tradicionais da cidade. Todos os presentes, convidados ou não, puderam testemunhar a plena felicidade daquele casal que conheceu a eternidade e a cumplicidade de seus sentimentos desde a primeira vez que se beijaram. Com eles, o amor não precisava da paixão como ponte. Foi caminho direto e final, mão única desde o início. Era inevitável não se contagiar com toda aquela alegria distribuída em todos os gestos e acenos aos convidados.

Depois de um ano morando num bairro simples da cidade, ainda pareciam terem-se casados no dia anterior. Viviam em uma diária e interminável lua de mel. Serviram de inspiração para muitos vizinhos e moradores próximos, que desejavam viver, pelo menos um dia, uma plenitude matrimonial como aquela. Os mais jovens, sempre mais curiosos, logo se tornaram obstinados e disciplinados discípulos da arte de viver um casamento feliz para sempre. Aos finais de semana, muitos casais, noivos ainda, aglutinavam-se pelos jardins e pelos muros, escondendo-se entre rosas e espinhos, para aprenderem de perto todas as sutilezas daquele ritual sagrado, realizado sempre aos sábados de lua cheia. Era um jantar iluminado apenas pelas velas e pelos castiçais espalhados pela casa, criando, entre sombras e penumbras, o clima da paixão acesa nos lábios da noite serena. Não era difícil escutar as recitações alternadas de poemas de Vinícius de Moraes que André, confiante e inspirado, declamava como se fossem seus (e num calor do fogo daquele momento, quem diria que não, tamanha era a devoção?). Quando o jantar terminava, as velas eram apagadas, a lua se escondia, e daqui pra frente, nem mesmo Deus conseguia ver o que acontecia entre os dois amantes. Em meio às paredes caladas, as chamas se acendiam por outros caminhos. Os vizinhos desciam de seus postos, com suas breves e poéticas anotações, para que num momento estratégico e fatal, pudessem desarmar os corações de suas pretendentes namoradas.

II

Quando faltavam menos de um mês para completarem três anos de casados, em um dia extremamente corrido e estressado no escritório de advocacia de André, o sonho virava pesadelo... No caminho para casa, dirigindo o carro em alta velocidade, correndo de volta para os braços de sua amada, sufocado e agonizante pelo excesso de trabalho, André não viu o caminhão que estava estacionado em sua frente. A colisão foi fatal: morte instantânea. Se o amor tinha lhe dado todos os motivos para ser feliz, a morte, em apenas um golpe, lhe retirava sua chance definitiva de felicidade. O carro e André se embrulhavam no meio das ferragens, dos silêncios e da fatalidade. Ninguém teve coragem de ligar para a viúva. A cidade inteira se fazia cúmplice daquela felicidade, resistindo até o último instante em romper a ilusão da vida com o silêncio da morte. Mas não teve jeito. Quando Monaliza ligou a TV de sua sala, o desastre estava acabando de ser noticiado pelo jornal. Entre suspiros e lágrimas, demorou de acreditar; mas logo veio o desespero.

Depois de dois meses do acontecido, Monaliza se transformou em outra pessoa: se o desastre tinha desfigurado o rosto de seu finado marido, os dois meses de solidão já tinham desfigurado completamente os delicados e unânimes traços de sua beleza. As rugas acentuavam a tristeza como uma cova à espera da alegria póstuma.

Todos começaram a estranhar seu comportamento. Aquela feminilidade, que fazia inveja a muitas mulheres, ia, pouco a pouco, ganhando traços masculinos. Passou a usar as roupas do seu estimado marido, vestindo-se com os sapatos, as camisas e a calça que ele mais gostava. Seus movimentos e expressões já eram quase idênticos aos dele (o que não se copia na vida, se reinventa na morte). E aos sábados de lua cheia, como não poderia deixar de acontecer, os jovens casais de noivos se reuniam, no mesmo local, para verem Monaliza banhada pelas luzes das velas, sentada na mesma mesa, no mesmo lugar que o marido costumava sentar, usando suas roupas e seus perfumes, deixando apenas a cadeira que antes ela sentava vazia, jantando o prato preferido do finado numa fanática e dramática devoção. No final do jantar, levantava-se da mesa e começava a recitar os poemas de Vinícius que o

marido tanto gostava. Por último, apagava as velas, despia-se dos saudosos trajes e se colocava diante de seus espelhos como se sua nudez fosse capaz de ressuscitar um corpo que já não lhe pertencia mais.